

Clóvis Bornay: memória de um centenário esquecido!

Ivan Coelho de Sá*

Anna Laudicea Itaborai Echternacht**

Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane***

Recebido em: 23/05/2018
Aprovado em: 25/05/2018

* Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), e em Pintura pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História da Arte e doutor em Artes Visuais pela mesma instituição. E-mail: ivansamus@gmail.com.

** Graduada em Museologia pela Unirio e mestre em Museologia e Patrimônio pela Unirio e pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast).

*** Graduada em Museologia pela Unirio. Mestre e doutoranda em Museologia e Patrimônio (Unirio/Mast).

Resumo

A proposta deste texto é recuperar um pouco da história de vida e trabalho do museólogo e carnavalesco Clóvis Bornay, salientando suas contribuições à Museologia. A estrutura do texto tem como base o roteiro do documentário *Entre o museu e a fantasia: tributo a Clóvis Bornay*, síntese de sua trajetória pessoal e profissional. A narrativa fundamenta-se em dados extraídos de fontes primárias pertencentes ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, bem como ao Repositório Digital do Museu Histórico Nacional, além de documentação da Catedral São João Batista e do Cartório do 1º Distrito de Nova Friburgo. Os jornais friburguenses, fluminenses e cariocas foram bastante úteis para reconstituir vários pontos da história de Clóvis Bornay e de sua família. As fontes primárias foram articuladas com depoimentos informais de colegas que atuaram com Bornay. A problemática está na contradição de uma imagem pública perpetuada por intensa atuação no Carnaval e que contrasta com o apagamento de sua importante trajetória como museólogo.

Palavras-chave

Clóvis Bornay; Museu Histórico Nacional; curso de museus; museologia; museólogo.

Abstract

This text aims to recover some points about the history of life and work of the museologist and carnavalesco Clóvis Bornay, emphasizing his contributions to Museology. The structure of the article is based on the script of the documentary *Entre o museu e a fantasia: tributo a Clóvis Bornay* (Between the museum and the fantasy: tribute to Clóvis Bornay), a synthesis of his personal and professional trajectory. The narrative is based on data extracted from primary sources belonging to the Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (Nucleus of Memory of Museology in Brazil – Nummus), as well as the Repositório Digital do Museu Histórico Nacional (Digital Repository of the MHN) and the documentation of the Catedral São João Batista and the Cartório do 1º Distrito de Nova Friburgo. The newspapers of Nova Friburgo and of the city and state of Rio de Janeiro were very useful to reconstruct several aspects in the history of Clóvis Bornay and his family. The primary sources were articulated with informal testimonials from colleagues who worked with Bornay. The problem is in the contradiction of a public image perpetuated by intense performance in the Carnival and that contrasts with the erasing of its important trajectory as museologist.

Keywords

Clóvis Bornay; Museu Histórico Nacional; Curso de Museus, Museology; museologist.

Nos anos de 2016 e 2017 passou quase despercebido o centenário do nascimento de Clóvis Bornay. Os governos estadual e municipal do Rio de Janeiro, a Prefeitura de Nova Friburgo, as escolas de samba e a área da cultura praticamente ignoraram uma importante oportunidade não somente para homenagear uma personalidade que durante décadas promoveu o Carnaval brasileiro, mas também para refletir sobre suas contribuições em defesa das liberdades individuais e dos direitos LGBT+.

Na área da Museologia tivemos raras e honrosas exceções, entre as quais, a exposição “Clóvis Bornay: 100 Anos”, inaugurada no Museu da República a 26 de janeiro de 2016, com curadoria do professor Mario de Souza Chagas. A exposição foi montada em parceria com o Museu da Cidade do Rio de Janeiro, que cedeu grande parte do acervo doado pela família Bornay. Ainda no âmbito desta exposição podemos destacar a 25ª Jornada Republicana, que teve como tema “Clóvis Bornay: homofobia e memória LGBT”.

Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), no âmbito do projeto de extensão “10 anos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (Nummus) – CCH/Unirio – parte 2”, foi elaborado o documentário *Entre o museu e a fantasia: tributo a Clóvis Bornay*, apresentado em 1º de abril de 2016 no Seminário Nummus 10 anos, e publicado no canal do referido núcleo na plataforma virtual YouTube.¹

De maneira geral, percebemos que as instituições culturais e os veículos de comunicação não deram a devida dimensão ao centenário de um profissional que acompanhou o surgimento e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no país. Por mais de sete décadas os brasileiros se acostumaram a vê-lo na mídia, dos rádios de 1930 e da televisão de 1950 à internet dos anos 2000. Seu público abrangia fãs anônimos de todas as regiões e era o mais heterogêneo possível: crianças, idosos, homens e mulheres, até políticos e presidentes como Getúlio Vargas, admirador “confesso” de Clóvis Bornay desde os primeiros concursos de fantasia.

A associação de Bornay ao Carnaval e sua exposição na mídia popularizou-se na década de 1960 com a expansão de canais de televisão, e se acentuou a partir de 1980, com o início do processo de abertura política que deu mais visibilidade às personalidades explicitamente identificadas como LGBT+. Contraditoriamente, esta

mídia que explorou tão maciçamente sua imagem não deu o mesmo peso à comemoração de seu centenário.

Ainda que esta presença marcante na mídia estivesse quase sempre relacionada ao Carnaval carioca, seu trabalho como conservador/museólogo do Museu Histórico Nacional (MHN) também era motivo de divulgação. Nas matérias sobre o Carnaval quase sempre havia referências à sua atuação no MHN; ele próprio fazia questão de dizer que era museólogo e divulgar as atividades relacionadas ao seu trabalho.

Este aspecto profissional converge para outra questão: o fato de ele ter contado, ao longo de quase quarenta anos de trabalho no MHN, com a admiração, o prestígio e a amizade de seus pares – os conservadores-museólogos das décadas de 1940 a 1970, tanto dos diretores Gustavo Barroso e Leo Fonseca e Silva, quanto dos professores e colegas do Curso de Museus –, não somente de seus contemporâneos, mas também das novas gerações que despontavam no final dos anos 1960.

No entanto, a partir da década de 1980 percebe-se uma tendência a negar o Clóvis Bornay museólogo. Nesta época, o campo da Museologia é identificado por marcos regulatórios importantes relacionados ao desenvolvimento de uma formação universitária e à sua identificação como disciplina científica. Em 1970 foi implantada a graduação em Museologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e em 1977 o Curso de Museus do MHN foi transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj, atual Unirio). Também no Rio de Janeiro é implantado o Curso de Museologia das Faculdades Integradas Estácio de Sá (Fines), em 1975. Este processo culmina em 1984 com a regulamentação da profissão de museólogo.

Nota-se exatamente neste período o silenciamento da atuação de Bornay como museólogo. Este apagamento não condiz com a qualidade do trabalho desempenhado por ele desde sua formatura, em 1946, até sua aposentadoria em 1978. Isto nos leva a questionar sobre um possível preconceito em relação a tudo que ele representava, não apenas por sua condição sexual, mas também por ser um profissional que simbolizava um passado da Museologia associado exclusivamente à antiga formação no Curso de Museus do MHN e ao trabalho específico com o estudo de objetos e coleções.

São questões complexas e não temos a pretensão de analisá-las neste texto, mas acreditamos ser necessário mapear as contribuições de Bornay ao campo museal, isto é, da parte menos conhecida de sua biografia. É importante também sabermos mais sobre

o ser humano Clóvis Bornay e, neste sentido, gostaríamos de fazer um registro contextual de sua história com vistas a esclarecer alguns aspectos pouco divulgados e destacar momentos decisivos de sua vida.

A questão do centenário: 2016 ou 2017?

Como não existem biografias publicadas sobre Clóvis Bornay, concentramo-nos em documentos e em textos de jornais e revistas, geralmente artigos, entrevistas ou mesmo pequenas notas relativas a ele. Nestas matérias, um dos aspectos depreendidos é que ele não revelava sua idade. Em entrevista à revista *Casseta Popular*, à pergunta direta “Quantos anos você tem?”, respondeu: “Um artista tem a idade que quer, porque se eu faço uma maquiagem, eu fico um jovem de quinze anos”.²

No *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* consta no verbete “Clóvis Bornay” seu nascimento em 10 de janeiro de 1916.³ Esta mesma data aparece na Wikipédia: A Enciclopédia Livre,⁴ e também na lápide de seu túmulo, no Cemitério São João Batista. Porém, contrariando este dado, toda a documentação de Bornay encontrada no MHN e na Escola de Museologia indica o ano de 1917. O requerimento constante na ficha de matrícula nos pareceu mais importante porque foi preenchido e assinado pelo próprio Bornay, em 15 de março de 1944. Nos dados relativos ao nascimento, ele escreveu a data a mão: 10 de janeiro de 1917.

Na tentativa de esclarecer esta duplicidade dirigimo-nos à Nova Friburgo, sua cidade natal, para verificar a documentação existente. No Cartório do Registro Civil conseguimos a inscrição de seu nascimento, feita em 11 de janeiro de 1917, isto é, no dia seguinte ao seu nascimento, tendo como declarante o pai:

Cloves. Aos onze de Janeiro de um mil novecentos e dezessete, no(a) Nova Friburgo – RJ e em cartório compareceu Thomaz Bornay, natural de(o) ESPANHA, Funcionário público municipal, casado(a), residente no(a) Avenida Friburgo, nº 14, Nova Friburgo, RJ, Brasil, tendo declarado o *nascimento de Cloves, ocorrido ao(s) 10 de Janeiro de 1917 às 14:55 horas, no(a) Avenida Friburgo, nº 14, Nova Friburgo, RJ, Brasil, do sexo masculino, filho de Thomaz Bornay e de Francisca Alaejos Bornay; ELA, natural de(o) ESPANHA, casado(a); ELE, natural de(o) ESPANHA, Funcionário público municipal, casado(a), residente no(a) Avenida Friburgo, nº 14, Nova Friburgo, RJ, Brasil.*⁵

A presteza de Thomaz Bornay em fazer o registro civil do nascimento do filho caçula não se repetiu com o batismo: o menino Clóvis só foi batizado em 14 de dezembro de 1918, com praticamente dois anos de idade. O registro consta ainda nos livros pertencentes à Catedral de São João Batista, antiga Igreja Matriz:

Aos quatorze dias do mês de Dezembro de mil novecentos e dezoito, na Igreja Matriz, batizei solenemente a Clóvis, *nascido nesta freguesia a dez de Janeiro de mil novecentos e dezessete*, filho legítimo de Thomaz Bornay e Francisca Alaejos Bornay. (...) Para constar fiz este assento e assigno. O Vigário José Silvestre Alves de Miranda.⁶

A coerência destes dados, ou seja, a mesma data de nascimento informada pelo pai no cartório no dia imediato ao seu nascimento e repetindo-se, dois anos depois, no registro de batismo, afastou a possibilidade de incongruência no âmbito familiar. Assim, diante das evidências documentais, consideramos que o nascimento de Clóvis Bornay ocorreu no ano de 1917. De qualquer forma, este dado se torna irrelevante no contexto da comemoração de seu centenário, que infelizmente acabou sendo muito mais esquecido do que lembrado, mesmo tendo motivo para ser comemorado por dois anos seguidos.

A questão da ascendência suíça

A ascendência suíça ou franco-suíça de Clóvis Bornay sempre foi propalada, às vezes associada a uma origem espanhola. No citado *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* consta que ele era filho de “mãe espanhola e pai suíço”. Esta informação aparece também na Wikipédia, sendo reiterada na categoria “Brasileiros de ascendência suíça”. No Carnaval de 2015, dez anos após seu falecimento, a escola de samba Unidos da Tijuca o homenageou com o enredo “Um conto marcado no tempo: o olhar suíço de Clóvis Bornay”, no qual ele é o próprio narrador e rememora as histórias que teriam sido contadas por seu pai “suíço” sobre vários símbolos do país, como os Alpes, o chocolate e os relógios.

Nos idos de 1991, na citada revista *Casseta Popular*, diante de uma pergunta relativa à origem de seu sobrenome, ele responde: “(...) meu bisavô era um conde francês e ainda tem lá um castelo da família na fronteira da Suíça com a França”.⁷

Como Bornay é um nome francês, esta origem é plausível, ainda que muito remota. Ao falar deste antepassado na “fronteira da Suíça com a França”, ele deve ter se fundamentado na existência de uma comuna francesa, Bornay, localizada na Borgonha-Franco-Condado, no Departamento de Jura, região que faz fronteira com a Suíça. De lá pode ter partido este ancestral que teria se fixado na Espanha, no entanto, uma conexão com a Suíça é improvável se considerarmos a documentação consultada.

No início da pesquisa esta hipótese ainda não era evidente, uma vez que inúmeros jornais e revistas reiteravam alusões às origens suíças de Clóvis Bornay. Este

senso comum nos levou a deduzir que seus antepassados estavam entre os colonos pioneiros vindos da Suíça para Nova Friburgo. Assim, nos concentramos na leitura de vários textos sobre a história desta cidade, tema bastante explorado por historiadores e genealogistas. Tudo em vão! Não obtivemos nenhuma referência a qualquer família Bornay na documentação e literatura sobre a cidade. Nessa altura, a busca na documentação do Cartório de Nova Friburgo, mais exatamente na sua certidão de nascimento, bem como na certidão de casamento civil de seus pais, não deixou dúvidas sobre suas origens espanholas, paternas e maternas.

Ao(s) 24 de Janeiro de 1903 às 08:30 horas, no(a) Nova Friburgo e no(a) Casa nº 6 da Rua General Argolo, Nova Friburgo/RJ, onde se achava Juiz(a) do Registro Civil Dr(a) Capitão Antonio José da Silva Araujo Braga, comigo, escrevente abaixo assinado (...) e após haver afirmado permanecerem no firme propósito de casar por livre e espontânea vontade, receberam-se em matrimônio, sob o regime de Comum, Thomaz Bornay e Francisca Alaejos; ELE, solteiro, Artista, natural de(o) ESPANHA, residente no(a)., Nova Friburgo, (...) filho de Ignacio Bornay e de Maria Bornay; e ELA, solteira, Serviços domésticos, natural de(o) ESPANHA, residente no(a)., Nova Friburgo, RJ, Brasil, filha de Daniel Alaejos e de Augustinha Alonso Alaejos.⁸

Neste documento constata-se que sua ascendência espanhola se estende pelo menos a duas gerações, isto é, não somente aos pais – Thomaz e Francisca Bornay – mas também aos quatro avós: paternos, Ignacio Bornay e Maria Silvestre; e maternos, Daniel Alaejos e Agostina Alonso. Além disso, o fato de todos terem nomes ibéricos, Silvestre, Alaejos e Alonso, afasta a possibilidade de uma origem suíça.

Os avós paternos residiam em Nova Friburgo. A avó Maria Silvestre Bornay faleceu nessa cidade, a 28 de agosto de 1914, mais de dois anos antes de nascer o neto que se tornaria famoso. Ignacio Bornay foi o único avô com quem ele realmente teve contato, pois deve ter falecido naquela cidade ainda na década de 1920. Os avós maternos, Daniel Alaejos e Agostina Alonso, pelo que deduzimos a partir de uma fala de Bornay, residiram algum tempo na região de Resende, também no estado do Rio de Janeiro, onde devem ter se dedicado à agricultura, transferindo-se depois para Buenos Aires, onde faleceram.

Meu avô veio pra cá. Ele comprou aquelas terras de Resende onde hoje é Agulhas Negras, né? E guardava o ouro em casa, naqueles baús. Ninguém tinha coragem ainda de depositar nos bancos, era uma coisa que estava começando, a economia do país. (...) E numa tempestade forte, eles não sabiam como chovia aqui no Brasil, aqueles raios, sabe? Pegou fogo nos laranjais e pegou fogo na casa, eles perderam tudo. Ele ficou aborrecido. Foi pra Buenos Aires. Então parte da minha família está em Buenos Aires, os descendentes de minha mãe e de meu pai que tinham casado, ficaram no Brasil.⁹

Esta constatação de raízes espanholas profundas nos levou a deduzir que o próprio Bornay criara esta fantasia, ou melhor, esta “licença poética” de uma ascendência suíça, provavelmente para vincular suas origens aos colonos fundadores de Nova Friburgo trazidos por dom João VI, em 1818, para desenvolver a agricultura no interior fluminense. Em Friburgo, a ascendência suíça ainda hoje é *status*, pela relação com as origens da cidade.

Os Bornay em Nova Friburgo

O registro da emigração de Ignácio Bornay e Maria Silvestre foi obtido na base de dados do Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos (CEMLA), na qual consta que embarcaram no navio *Andalucia*, no porto de Barcelona, com destino a Buenos Aires, aonde chegaram a 20 de outubro de 1889. Não foi possível saber quanto tempo residiram em Buenos Aires ou em quais circunstâncias se transferiram para o Brasil, mas acreditamos que a estadia argentina tenha sido breve, pois no início da década de 1890, o casal já residia em Nova Friburgo com o filho Thomaz.

No Brasil, os espanhóis estavam entre os imigrantes mais pobres e compartilhavam do mesmo padrão de vida da população menos favorecida. Trabalhavam em atividades não qualificadas e mal remuneradas – estivadores, ensacadores de café e comércio ambulante. Com muito trabalho ascendiam socialmente, destacando-se no comércio, especialmente em pensões, bares, tavernas e botequins.¹⁰

Podemos imaginar que não foi nada fácil o início de vida de seus avós e pais, mas em 1903 Ignacio Bornay já devia estar estabilizado economicamente, pois aparece no *Almanak administrativo, mercantil e industrial do estado do Rio de Janeiro* como proprietário de um bar. Misto de botequim, café e bilhar, o estabelecimento foi “batizado” com o pomposo nome Casa Affonso XIII, homenagem ao menino-rei que havia assumido o trono da Espanha, uma referência identitária e nostálgica cara aos emigrantes espanhóis monarquistas. Essa admiração de Ignacio Bornay pelo rei espanhol pode ter influenciado a imaginação do neto, ao criar, no futuro, fantasias de personagens históricos geralmente ligados à monarquia.

A preocupação dos Bornay em superar as dificuldades típicas dos imigrantes e investir no futuro leva-os a matricular o menino Thomaz no curso primário. Em dezembro de 1895, então com dez anos e aluno da Escola Pública Masculina, ele recebe diploma habilitando-o com “distinção”, sinal de que era empenhado nos estudos.¹¹

Desde jovem, Thomaz Bornay já aparece no citado almanaque do Rio de Janeiro de 1903 como proprietário de um salão de barbeiro e cabeleireiro. O Salão Bornay localizava-se no centro de Friburgo, na rua General Argolo (atual avenida Alberto Braune), principal artéria da cidade onde se situava a estação de trens da Leopoldina, que a transformava num dos pontos de maior concentração de comércio.

Com 18 anos de idade à época em que abriu o salão, Thomaz Bornay casa-se na Matriz São João Batista com Francisca Alaejos, de 23 anos, cinco anos mais velha, nascida na região de Salamanca, a 30 de setembro de 1879. A endogamia era comum à primeira geração de espanhóis no Brasil, para reforçar as raízes culturais.

Entre 1904 e 1917 Thomaz e Francisca tiveram nove filhos, todos nascidos em Nova Friburgo: Anselmo (1904-1971), Mathilde (1906-1982), Hilário (1907-1987), Moacyr (1908-1970), Nelson (1911-1993) e Mário (1913-2000), além de Edgard (1912-1913) e Maria Augusta (1915-1916), falecidos com menos de um ano. Bornay foi o caçula; sua infância deve ter sido feliz e superprotegida, por ser de família abastada e criado entre vários irmãos mais velhos.

Thomaz Bornay consolidou as conquistas do pai e diversificou sua atuação participando mais ativamente da vida política, econômica e social. Em 1908 aparece em várias matérias do jornal *O Friburguense* como secretário da loja maçônica Indústria e Caridade, que reunia comerciantes e industriais da região. Bem-sucedido profissionalmente, Thomaz Bornay extrapola o perfil de um pacato comerciante. Engaja-se na política e assume cargos públicos. Em 1910 assume o posto de capitão comandante atirador da Primeira Companhia da Sociedade de Tiro Friburguense, organização militar de tiro ao alvo, criada com apoio da prefeitura e destinada a formar reservistas.

Ainda em 1910, o capitão Bornay participa do desfile de 15 de novembro, ocorrido no Rio de Janeiro em comemoração da posse do presidente marechal Hermes da Fonseca e da Proclamação da República. Dias depois explodiu a Revolta da Chibata. Amotinados em vários encouraçados, centenas de marinheiros liderados por João Cândido, o “Almirante Negro”, reivindicam o fim dos castigos corporais na Marinha e ameaçam bombardear a cidade. Num gesto de apoio ao governo, setenta atiradores do Tiro de Guerra de Friburgo descem a serra em trem especial e durante três dias ficam aquartelados na capital federal para auxiliar em sua defesa.¹² Após tergiversar, Hermes da Fonseca aceita as reivindicações pondo um fim pacífico à revolta. O capitão Bornay

participa da comissão que foi recebida pelo presidente, no Palácio do Catete, em agradecimento ao gesto “heroico”.¹³

Nos idos de 1913 e 1914, Thomaz Bornay assume o segundo cargo do poder da cidade, como oficial da Secretaria da Câmara Municipal. Nesta época não havia o posto de prefeito em Friburgo, mas de presidente da Câmara. No entanto, seu futuro não estaria na política friburguense e sim no comércio de joias na capital federal.

Mudança para a capital federal

A família Bornay transferiu-se para o Rio de Janeiro entre 1924 e 1925, quando Clóvis tinha de 7 para 8 anos. Thomaz Bornay mudou de ramo e associou-se a Salvador Cosenza, proprietário da joalheria e relojoaria S. Cosenza e Cia., posteriormente transformada em Bornay & Cosenza. O contrato foi publicado na seção da junta comercial do *Correio da Manhã*: “CONTRATOS de S. Cosenza & Cia, firma composta dos sócios solidários, Salvador Cosenza e Thomaz Bornay, para o comércio de Joias (...) com capital de 100:000\$; prazo indeterminado”.¹⁴ A joalheria situava-se no elegante centro da cidade, no Largo da Carioca, próximo à Avenida Central (atual Rio Branco).

No Rio de Janeiro todos os irmãos Bornay vão direcionar suas vidas. Anselmo, o mais velho, foi juiz de futebol. Dedicou-se ainda ao comércio, e foi proprietário de um posto de gasolina. Anselmo e Moacyr (também desportista) foram proprietários de uma loja de artigos masculinos na rua México, a Casa Bornay. Mathilde casou-se com Attílio Diacovo, filho do italiano Salvatore Diacovo, proprietário de um bar na rua Riachuelo. Viúva, passou a trabalhar como enfermeira em hospitais da rede municipal. Hilário, advogado e funcionário público, foi despachante da saúde pública. Nelson foi membro da equipe de atletas do Fluminense; dedicou-se também ao comércio, sendo um dos sócios da Casa das Crianças, conhecida sorveteria do bairro de Ipanema.¹⁵ Mário foi engenheiro do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (Iapi).

O menino Clóvis crescia e descobria o mundo na movimentada e cosmopolita capital federal de meados dos anos 1920. O decorativismo sofisticado da estética *Art Nouveau*, mesclado com vestígios da *Belle-Époque*, deve ter exercido forte influência sobre ele. Esporadicamente devia visitar a joalheria do pai, onde as joias podem ter acentuando nele a sensibilidade para o brilho, o colorido e a beleza das formas.

O amor pelo Carnaval e o encanto mágico pela fantasia despontaram cedo. Em 1929, aos 12 anos, vestindo-se de cossaco, venceu um concurso de fantasias no baile do

requintado Fluminense Futebol Clube. Para concorrer, passara-se pelo irmão Nelson, utilizando sua carteirinha de sócio. O artifício foi descoberto, e o concurso anulado:

Disposto a levar para a casa um conjunto de porcelana completo para chá, Bornay roubou a carteirinha de sócio do irmão para participar do concurso de fantasias promovido pelo Fluminense Futebol Clube. Destinado exclusivamente aos atletas da agremiação, Bornay burlou o regulamento com alegria tão contagiante que seu cossaco sagrou-se campeão. Mas a verdadeira identidade do ganhador chegou a público na Quarta-Feira de Cinzas, quando um jornal local deu à coisa tratamento de escândalo. O Concurso foi anulado e o cossaco intimado a devolver o prêmio. “Imagina! Já estava na mesa da mamãe”, confessa.¹⁶

Nessa época o pai já se preocupava com a sexualidade do filho mais novo. Na mencionada entrevista à revista *Casseta Popular*, Bornay fala de sua primeira relação sexual e do quanto a experiência fora traumática. Um dos irmãos colocara-o num táxi encarregando-o de levar um envelope com dinheiro a determinado endereço, como se fosse o pagamento da joalheria do pai. Ao chegar, foi “recepicionado” por uma senhora de sotaque estrangeiro, Madame Mimi. Só então percebeu que estava num bordel.¹⁷ Esse episódio revela a postura machista e a falta de respeito da época para com orientações sexuais que fugiam do estereótipo considerado normal.

Por volta de 1931, com pouco mais de 14 anos, Bornay conheceu Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório. Um de seus irmãos, provavelmente Anselmo, o mais velho, estava trabalhando com montagem de aparelhos sonoros de cinema (que dava os primeiros passos no Brasil) e foi fazer uma apresentação no Catete. Diante da recusa do irmão em levá-lo, ele se escondeu no banco de trás do carro e acabou assistindo o filme ao lado do presidente.

Despachado desde guri, Bornay não poderia perder a oportunidade de conhecer em carne e osso, um presidente da República. Por este motivo pilhou o irmão para levá-lo a uma certa projeção de cinema que teve como espectador ninguém menos que Getúlio Vargas. Responsável pela montagem do primeiro aparelho de cinema sonoro no Rio de Janeiro, o irmão de Bornay havia convidado para pôr em uso sua espantosa desenvoltura com engenhocas eletrônicas. “Ele não queria me levar, então me escondi no banco de trás do carro até cruzarmos os portões da casa e estacionarmos nos jardins do palácio. Resultado: viu o filme ao lado do presidente”. Quando a sessão acabou, Getúlio pediu ao secretário dele que levasse os irmãos até em casa. “Pedi ao presidente que autorizasse seu motorista a entrar na rua buzinando, para que todos os vizinhos pudessem me

ver chegando.” “Esse menino vai longe”, vaticinou Getúlio, concordando de imediato.¹⁸

Encontro com Jenny Dreyfus e Félix de Mariz

A década de 1930 seria decisiva no direcionamento das escolhas do adolescente Clóvis. Os embates com a família acentuaram-se quando, ao contrário dos irmãos que se dedicavam ao comércio, aos esportes e se casavam, ele demonstrava perspectivas diferentes. A queda da Bolsa de Nova York, em 1929, repercutiu em todo o comércio, sobretudo de artigos de luxo. A Bornay & Cosenza sofreu reveses e acabou decretando falência em setembro de 1931.

Decretada a falência de Bornay & Cosenza. O juiz da Terceira Vara Cível atendendo a confissão de insolvência da firma Bornay & Cosenza, estabelecida com o comércio de joias e objetos de adorno (...) decretou a sua falência, fixando o termo legal a partir do dia 13 de agosto; marcando o prazo de 20 dias para habilitação de créditos; designado o dia 26 de novembro para a Assembleia de credores (...).¹⁹

A massa falida de Thomaz Bornay foi a leilão em 9 de outubro desse mesmo ano.²⁰ Joias, relógios, móveis e objetos de arte foram vendidos. Somente os filhos Mathilde e Anselmo haviam se casado antes do revés. Os demais casaram ao longo dos anos 1930: Moacyr em 1934, Nelson em 1936 e Mario em 1938. Tivemos acesso ao registro de casamento civil de todos, à exceção de Hilário, e os endereços residenciais que constam nesses documentos parecem revelar a reviravolta econômica enfrentada pela família. Mathilde, casada em 1929, e Anselmo, em 1930, constam como domiciliados à Rua do Catete, nº 5, endereço que deveria significar *status*, pela proximidade com o Palácio do Catete, onde morava o presidente da República. Por outro lado, nos registros de casamento de Nelson e Mario consta como domicílio a rua Machado Coelho, nº 111, no Estácio, na época pouco valorizada pela proximidade do Mangue, onde se concentravam boates, bordéis e bares.

Neste último endereço, Clóvis Bornay deve ter vivido seus últimos momentos junto da família. Em meio à crise econômica que afetou a todos, os conflitos atingiram o clímax por volta de 1933, quando fica clara a condição sexual do adolescente de 16 anos. O pai, numa atitude comum na época, expulsa-o de casa. Esta fase difícil é marcada por gestos de amizade e solidariedade de pessoas que serão importantes para Bornay ao longo de sua vida: Jenny Dreyfus, que o adota como verdadeiro filho; e José Francisco Félix de Mariz, com quem ele construiria uma relação de amor e companheirismo.

Não conseguimos saber como se deu o contato de Clóvis Bornay com Jenny Dreyfus e Félix de Mariz. Segundo Fernanda Moro e Lourdes Novaes, alunas do Curso de Museus na década de 1950, Bornay considerava “D. Jenny” como mãe, por tê-lo acolhido quando ele era muito jovem. Maria Augusta Machado, contemporânea de Bornay no Curso de Museus e muito ligada a ele, confirmou o relacionamento dele com Mariz. Ela os conheceu na excursão do Curso a Ouro Preto, em julho de 1945. Segundo Machado, Bornay era apresentado como “sobrinho” do professor Mariz. Artifícios desta natureza eram comuns na época para evitar confronto com a sociedade.

Com base nesses depoimentos de que Bornay teria sido amparado por Dreyfus e Mariz, deduzimos que esse contato ocorreu no início dos anos 1930 e pode ter sido favorecido por vários fatores. Félix de Mariz era irmão leigo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, localizada no Largo da Carioca, onde se situava a joalheria de Thomaz Bornay. Mariz era pediatra e formara-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde deve ter sido aluno do doutor André Dreyfus, irmão de Jenny. O pai, Jérôme Dreyfus, fora proprietário de uma joalheria em Pelotas na década de 1900. Por volta de 1914, os Dreyfus se mudaram para o Rio de Janeiro. Nesta época pode ter havido alguma relação comercial entre Jérôme Dreyfus e Thomaz Bornay, talvez ainda residindo em Nova Friburgo, mas já comercializando joias e fazendo contatos no Rio de Janeiro. Nos idos de 1928, Jenny Dreyfus encontrava-se praticamente sozinha, pois os pais e avós haviam falecido e o único irmão, André, transferira-se para São Paulo, dedicando-se a pesquisas de genética na Universidade de São Paulo (USP). Tudo isso deve ter favorecido a aproximação de Bornay e Jenny Dreyfus, que o amparou quando mais precisava do conforto de uma amizade.

O início do relacionamento com Félix de Mariz deve ter marcado a primeira experiência de Clóvis Bornay com a Museologia. Em 1932 Mariz estava comprometido com a organização do Museu Sacro da Ordem Terceira da Penitência, e é provável que Bornay tenha participado da montagem desse museu, inaugurado em 1933. Ainda segundo as reminiscências de Maria Augusta Machado, Clóvis Bornay morava com Mariz nas instalações da Ordem, no Largo da Carioca. Esse dado pode ser corroborado pelo fato de Bornay ter indicado como domicílio, na sua ficha de matrícula do Curso de Museus, preenchida em março de 1944, o endereço “Largo da Carioca, 5 (Museu Sacro da Ordem da Pet^{cia})”.

Primeiro concurso de fantasia e ingresso no serviço público

O ano de 1937 foi decisivo para Clóvis Bornay; verdadeiro marco, tanto em relação ao seu trabalho quanto ao Carnaval. Com 20 anos de idade ele ingressa no serviço público e estreia nos concursos de fantasia do Baile de Gala do Teatro Municipal, iniciando uma tradição e um estilo de vida que ficarão fortemente associados ao Carnaval carioca.

Em vários depoimentos ele afirmou ter se inspirado nos concursos de máscaras do Carnaval de Veneza ao idealizar os concursos de fantasias de luxo do Municipal. Ainda segundo ele, sua sugestão teria sido acolhida pelo diretor artístico do Teatro Municipal, o maestro italiano Sílvio Piergili: “Fui ao diretor do Municipal e pedi organização. O convite era caro para a época, 190 mil réis. Eu mesmo tive que juntar escondido”.²¹ Entretanto, Haroldo Costa, em seu estudo sobre o Carnaval carioca, afirma que a primeira edição oficial do concurso do Municipal teria acontecido em 1936, e que a participação de Clóvis Bornay teria ocorrido na segunda edição, organizada pelo maestro Viggiani, a 8 de fevereiro de 1937.²² Bornay arrebatou o primeiro lugar com seu Príncipe de Pequim, criativa fantasia idealizada a partir dos fragmentos de um lustre de cristal encontrado num porão e confeccionada pela modista das vedetes do Teatro de Revista, a italiana Josephina Pampuri. Para bronzear a pele do príncipe hindu, ele recorreu a uma solução criativa: o uso de pigmento marrom.²³

Nos anos seguintes, Bornay continuou a participar dos concursos do Municipal, mas a consagração viria no Carnaval de 1942. O baile aconteceu no dia 16 de fevereiro e contou com a presença do presidente Getúlio Vargas, sempre assíduo nos carnavais do Municipal, e teve como patronesse sua esposa, Darcy Vargas. Com a fantasia Toureiro, inspirada no drama *Sangue e areia*, cujo filme, produção norte-americana, fora grande sucesso no ano anterior, Bornay obteve o primeiro lugar e acabou confraternizando com o próprio presidente:

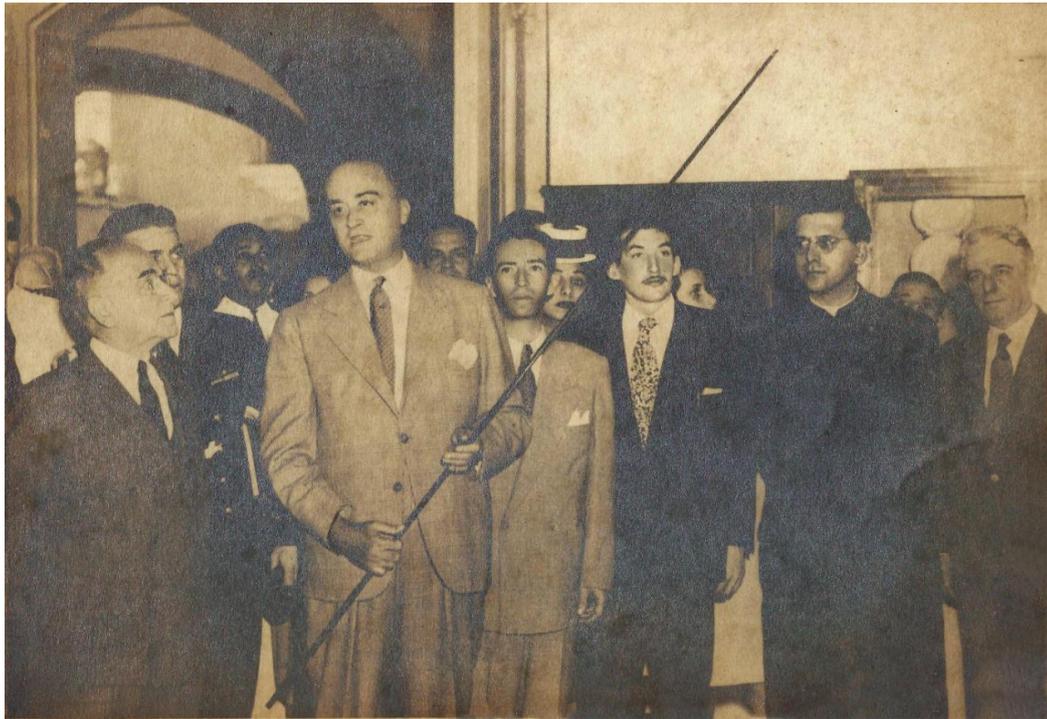
Lembro que, em 1930,²⁴ chamei atenção por causa de uma fantasia de toureiro que tinha uma capa lindíssima. Brincava com ela no salão até que avistei Getúlio em seu camarote. Joguei a capa em sua direção, e ele a pegou, fazendo dela o enfeite de sua bancada. A brincadeira terminou em brinde com Champagne.²⁵

O Museu Histórico Nacional e a descoberta do Curso de Museus

No mesmo ano de 1937, graças à sua habilidade para desenhar, Bornay inicia seu trabalho como gravador da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, vinculada ao então Ministério da Viação e Obras Públicas e instalada no antigo Arsenal de Guerra, mesmo prédio que sediava o MHN. Seu contato com a inspetoria foi mediado pelo conterrâneo Adolpho Dumans, funcionário do museu desde 1927 e formado pela primeira turma do Curso de Museus. A família de Dumans era muito próxima de Thomaz e Francisca Bornay desde os tempos de Nova Friburgo.

Na inspetoria, Bornay trabalhou como gravador diarista por um ano. Em abril de 1939 passou a contramestre, e no ano seguinte passou a artífice, função que desempenhou até 1942. Em janeiro de 1943 transferiu-se, na função de guarda, para a Imprensa Nacional, também sediada no MHN. Em 1944 já estava trabalhando no museu, pois no relatório desse ano é elogiado pela professora Nair de Carvalho, coordenadora do Curso de Museus: “Ainda auxilia a secretaria o Sr. Clóvis Bornay que tem demonstrado constantemente grande amor ao trabalho”.

Em 1945 passou a zelador, cargo que tinha como atribuições administrar o funcionamento e a manutenção de instalações, mobiliário e equipamentos. Nesse ano, a 15 de junho, ele participa da memorável visita de Getúlio Vargas ao MHN. Numa fotografia da Coleção Dumans (Nummus), Vargas escuta atentamente a explicação de Gustavo Barroso sobre os objetos expostos, e Bornay, então aluno do Curso de Museus, aparece logo atrás, ao lado de Dumans, acompanhando com seriedade a explanação (Figura 3). Certamente foi um encontro protocolar, diferente daquele ocorrido três anos antes no Municipal. Esse episódio demonstra a aceitação que havia na época quanto à dupla atuação de Bornay. No entanto, a aceitação e o respeito decorriam da própria postura dele, que sabia se impor como profissional e discernia o ambiente de trabalho do contexto do Carnaval. Era uma época em que as relações sociais e os comportamentos deveriam ser pautados por convenções pré-determinadas. Nesta fotografia, podemos depreender que Vargas, Barroso e Bornay dominavam esses códigos.



Visita de Getulio Vargas ao MHN. 1945. Da esquerda para a direita Vargas, Gustavo Barroso, Adolpho Dumans, Clóvis Bornay e outros não identificados. (Coleção Adolpho Dumans-NUMMUS)

Os contatos com o MHN possibilitaram a Clóvis Bornay conhecer o Curso de Museus, levando os amigos Mariz e Jenny Dreyfus a se formarem nele, respectivamente em 1938 e 1939. Em 1944 o próprio Bornay matriculou-se – era um momento importante, pois o curso passava por uma reforma que acrescentava um ano de duração e ampliava o número de disciplinas, sobretudo na área da Arte. Para Bornay, então com 27 anos, o curso representava a possibilidade de ascender no MHN e fazer carreira como conservador, denominação mais comum dada aos museólogos na época.

No Curso de Museus Bornay foi aluno dos professores pioneiros, Gustavo Barroso, Pedro Calmon, Angyone Costa, Menezes de Oliva e Edgar Romero; e também da nova geração docente, composta por Mário Barata, Anna Barrafatto, Eneada Rodrigues Vieira e Diógenes Guerra, além de Jenny Dreyfus e Mariz. A reforma de 1944 introduzira um novo componente curricular, as excursões de estudos às cidades históricas, e ele participou das três primeiras: a Ouro Preto em 1945; São João Del Rei, em 1946; e São Tomé das Letras, em 1948. A formatura da turma de Clóvis foi realizada no gabinete do diretor, a Sala Coelho Neto, no dia 14 de dezembro de 1946 tendo como paraninfa a professora Jenny Dreyfus, certamente um momento de emoção para ela, Bornay e Mariz .



Formatura do Curso de Museus, 1946. Bornay encontra-se ao centro, à esquerda do Diretor Barroso. Na extremidade direita, sentados, Jenny Dreyfus e Félix de Mariz. (Coleção NUMMUS)

Início da carreira como conservador de museu

O diploma do Curso de Museus favoreceu o crescimento profissional e a ascensão de Bornay no MHN. Em maio de 1947 ele realiza seu primeiro trabalho já como conservador, ao participar da comissão encarregada de arrolar os bens patrimoniais do MHN, constituída por Dulce Ludolf e outros técnicos. Ainda neste ano, é nomeado conservador interino para a vaga decorrente da promoção de Lygia Martins Costa, do Museu Nacional de Belas Artes. Em 1949 vinculou-se à Seção de História, onde trabalhou por mais de vinte anos, primeiro sob a chefia de Jenny Dreyfus e depois de Sigrid Porto Barros, tendo como colegas Fortunée Levy, Alfredo Rei do Rego Barros, Octavia Oliveira, Gilda Marina de Almeida Lopes, Marfa Barbosa Viana e Ecylla Brandão. Segundo esta última, ele despertava a admiração de todos os colegas por sua ética e profissionalismo.

Em 1950, quatro anos após sua formatura, Clóvis Bornay foi nomeado conservador do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde. Nesse mesmo ano faleceu sua mãe, dona Francisca, a 14 de maio. Bornay já se encontrava afastado de casa havia mais de dez anos, e provavelmente sem nenhum contato com ela. No entanto, acreditamos que possa ter havido certa aproximação nessa época, pois seu nome aparece junto dos nomes do pai e dos irmãos na participação da Missa de Sétimo Dia.²⁶

Os anos de 1949 e 1950 parecem marcar o fim do relacionamento de Clóvis Bornay com Mariz. Nas excursões do Curso de Museus de 1949, 1950 e 1951 o

professor Mariz continua a marcar presença, mas Bornay não participou mais. Outro dado que reforça a hipótese de uma separação refere-se à sua mudança para a avenida Prado Júnior, em Copacabana, que parece ter ocorrido nessa época, se considerarmos uma informação na citada entrevista à *Casseta Popular*, por volta de 1991. À pergunta “Bornay, há quanto tempo você mora aqui na Prado Júnior?”, ele respondeu: “Uns quarenta anos.”²⁷

Em 1953 a Seção de História passou a ser dividida em duas, e Bornay foi alocado na Primeira Seção, à qual competia a administração de vários espaços expositivos: Sala dos Donatários, Sala dos Vice-Reis, Sala Dom João VI, Dom Pedro II, Deodoro, República, Sala das Pratas e Pátio da Minerva. Nessa seção ele se dedicou a várias funções: supervisão da conservação das salas, acompanhamento dos trabalhos de restauração, revisão e atualização catalográfica, pesquisa e redação de textos, além de atender a pesquisadores e monitorar visitas escolares.

Essas numerosas atividades não impediram o engajamento profissional de Bornay, que se associa à Organização Nacional do Internacional Council of Museums (Onicom). Em junho de 1955 ele integrou a comissão, liderada por Rodrigo Mello Franco de Andrade, que se reuniu no Museu Imperial de Petrópolis para discutir a preparação do 1º Congresso Nacional de Museus a ser realizado em Ouro Preto no ano seguinte. Em setembro de 1958 participou do Seminário Regional para Educação em Museus, promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, evento que congregou museólogos e outros profissionais de museus do Brasil e de outros países, tornando-se um importante sinalizador das transformações do campo museal.

A década de 1960 e o Museu Histórico Nacional

No MHN, os anos 1960 consolidaram o trabalho de Clóvis Bornay como conservador, aliás, a partir de meados da década ele passa a ser identificado na mídia como museólogo, tendência da época, sobretudo a partir da reforma do Curso de Museus em 1966, que passou a utilizar este termo no diploma dos formandos. Bornay continua a se impor pelo trabalho, e os diretores que sucedem a Barroso, Josué Montello e Leo Fonseca e Silva, também reconhecem seu comprometimento profissional. A principal característica de seu trabalho nos anos 1960 é a participação em projetos de exposições temporárias, tanto no MHN quanto em outras instituições.

Em outubro de 1962 Bornay trabalhou na montagem da exposição comemorativa aos duzentos anos do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, no MHN. Em 1964, ano conturbado pelo golpe civil-militar, ele integrou a comissão encarregada de programar e realizar as atividades do MHN e do Museu da República nas comemorações do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. Nessa época realizou pesquisa para seu artigo “Estácio de Sá: primeiro conquistador e fundador desta terra e cidade”, publicado nos *Anais do MHN* em edição comemorativa do IV Centenário. Em dezembro do mesmo ano foi nomeado chefe da Divisão de História Artística e Literária, onde passou a trabalhar com Maria Elisa Carrazzoni e Maria Laura Ribeiro.

Entre 1967 e 1968 Bornay trabalhou em quatro exposições do MHN montadas no extinto Banco do Estado da Guanabara, as quais eram sobre: bonecos, integrando o II Festival de Teatro de Marionetes e Fantoques; Arte Sacra; mobiliário luso-brasileiro e prataria, em parceria com Jean Marie Bittencourt, assessor da direção do MHN. No Museu da República ele monta exposição de gravuras da artista plástica Isa Aderne e a Sala Presidente Castelo Branco, idealizada por Leo Fonseca e Silva.

Em 1º de maio de 1968, Dia do Trabalho, tendo como cenário os jardins do Museu da República, Bornay faz uma criativa reconstituição cenográfica, com figuras vivas, do quadro de Vitor Meireles, *A primeira missa no Brasil* – interessante experiência de um quadro vivo num museu. Ainda em maio, ele coordena a montagem da exposição “Museu Histórico em Friburgo”, inaugurada em sua cidade natal em comemoração do sesquicentenário de fundação. A exposição tinha um caráter experimental, conforme o projeto de Fonseca e Silva de criar museus filiais do MHN em cidades do interior. Bornay faz parte do grupo chefiado por Jenny Dreyfus e constituído por Therezinha Sarmiento e outros técnicos, além de alunos do Curso de Museus. Em agosto de 1968 é designado diretor do Museu do Folclore, inaugurado por Fonseca e Silva no parque do Museu da República.

Década de 1970 e aposentadoria no Museu Histórico Nacional

O ano de 1970 foi intenso em atividades museológicas. Em fevereiro, Clóvis Bornay organizou uma exposição no Museu da Imagem e do Som (MIS) com fantasias de luxo premiadas no Carnaval. Como inovação a mostra apresentou desfile de fantasias ao vivo, com fundo musical de antigas marchas. Em junho, também no MIS, ele montou uma exposição sobre Chacrinha como parte de um curso de Comunicação, com renda destinada à Casa dos Artistas. Sempre preocupado em conferir uma dinâmica diferente à

exposição, Bornay utilizou um gramofone para tocar discos antigos e um gravador com frases famosas de Chacrinha.

– Bem, tudo nasceu de uma entrevista minha com o Chacrinha, em que ele disse que tinha vontade em fazer uma exposição de suas roupas, para fins beneficentes. Achei a ideia bastante interessante, principalmente pelo fato do Chacrinha ser um mestre em comunicação. Daí a ideia cresceu e, além da exposição, realizaremos também um curso de comunicação de massas. (...) Teremos aula sobre opinião pública, cibernética, Rádio e TV – Jornalismo, Cinema e Teatro, Política na Comunicação, Arte – A Comunicação visual através dos tempos e uma aula que considero sensacional e que poderá ser dada pelo próprio Chacrinha, para que ele fale sobre seu poder de comunicação.²⁸

Em julho, Bornay participou de outro importante projeto idealizado pela Administração do Porto do Rio de Janeiro: a montagem do Museu do Porto. Instalado num galpão do Cais da Rodrigues Alves, a exposição apresentou painéis fotográficos e interessante acervo, como uma locomotiva e embarcações.

Está nascendo um Museu na Cidade. É o museu do Porto do Rio, que surgiu no cais do porto, entre os armazéns 12 e 13, em apenas 20 dias. Fruto do dinamismo, da boa vontade e da técnica do portuário carioca com a dedicação do museólogo Clóvis Bornay, responsável pela sua montagem. Nele estão registrados os sessenta anos de existência do nosso porto e sua trajetória brilhante. (...) Muita gente não sabe e ficará espantada quando, a partir de amanhã, passar pela av. Rodrigues Alves e encontrar um Museu funcionando, modernamente aparelhado, franqueado ao público, mostrando um acervo rico e diversificado, constituído por peças antigas, enormes painéis fotográficos e uma locomotiva, a “Baronesa do Cais”, a primeira locomotiva adquirida pelo porto do Rio.²⁹

No MHN, Bornay atuou em dois projetos expográficos: em agosto de 1970, a exposição “Indumentária, Arte e Documento”, destacando a evolução da moda a partir da Coleção Sofia Jobim; em setembro de 1971, a “Exposição Comemorativa ao Centenário da Lei do Ventre Livre”, abordando os horrores da escravidão e conscientizando o público sobre a importância das contribuições negras à cultura brasileira.

Ainda em 1970 integrou a comissão encarregada de viabilizar a abertura do Museu Carmem Miranda, constituída pelas irmãs da cantora e pela antiga colega do Curso de Museus e amiga Pascoalina Stilben. A ideia inicial era instalar o museu num prédio da Lapa, mas houve uma série de entraves burocráticos.³⁰ Somente seis anos depois, em 1976, o Museu Carmem Miranda foi inaugurado no Parque do Flamengo.

A intensa atividade de Bornay era viabilizada por uma rígida disciplina de trabalho. Segundo o historiador Lauryston Guerra, coordenador do Curso de Museus entre 1971 e 1974, ele era um funcionário exemplar. Conseguia equilibrar perfeitamente

seu trabalho no MHN com seus compromissos no Carnaval. Para não haver prejuízo de carga horária, ele assumia ao longo do ano o máximo possível de plantões, isto é, trabalhava no Museu sábados e domingos para compensar o período que deveria ser liberado para se dedicar ao trabalho como carnavalesco.

Em 1978 Clóvis Bornay se aposentou, após 41 anos de serviço público no MHN, dos quais 31 atuando como museólogo. Maria Laura Ribeiro, que trabalhou com ele na Divisão de História Artística e Literária, deixou-nos um interessante depoimento:

A Museologia para Clóvis Bornay era como religião, e ele a cultuava no Museu Histórico Nacional. Era o primeiro funcionário técnico a chegar no museu, pois degustava seu café da manhã numa mesinha que ficava no pátio, muito apazível, em frente às nossas salas de trabalho. Sempre muito afável e elegante, se tornou figura indispensável nas comemorações festivas do museu. Recebia em sua sala, quase sempre, grupos de alunos do primeiro e segundos graus até vestibulandos à procura de explicações sobre o rico acervo do museu, que ele o fazia de modo peculiar e agradável. Não só estudantes o procuravam, mas também pessoas necessitadas de ajuda material, sabendo que seriam recompensadas pela marcante generosidade de Clóvis. (...) Nas entrevistas que dava na TV, era marcante seu interesse em se referir à sua profissão que, acredito, representava uma das coisas importantes da sua vida. (...) Foi sempre uma pessoa bem educada e solícita para nós seus colegas museólogos e a todos que o procuravam no museu.³¹

O museólogo e carnavalesco Clóvis Bornay faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de outubro de 2005, três meses antes de completar 88 anos. Esperamos ter recuperado um pouco de sua história de vida e trabalho. Sua produção como museólogo é surpreendente! Seu saldo de contribuições é bastante extenso, com atuação em várias áreas inerentes ao trabalho de um museólogo e ao processo de musealização: gestão de acervos, pesquisa, documentação, conservação, exposição, comunicação e educação museal. Podemos dizer que houve dois Clóvis Bornay distintos: um museólogo e um carnavalesco. Mas podemos afirmar também que houve simbiose entre estes dois profissionais, com benefícios para ambos – o museólogo oferecendo sólido conhecimento cultural ao carnavalesco; o carnavalesco influenciando a criatividade e as atitudes inovadoras do museólogo.

É lamentável que uma atuação tão intensa, diversificada e importante seja esquecida, não apenas pelo público em geral, mas pela própria classe museológica. A comemoração de seu centenário, infelizmente, foi pouco aproveitada para superar esse apagamento. Esperamos que esta síntese de seu trabalho possa despertar um reconhecimento maior de suas contribuições no campo da Museologia, e que trabalhos de pesquisa possam revelar a multiplicidade de facetas do conjunto de sua obra.

-
- ¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m2-n89cy0is>. Acesso em: 21 set. 2016.
- ² DAPIEVE, Arthur (Org.). *Antologia Casseta Popular: o melhor da enciclopédia de babaquice*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008, p. 270.
- ³ CLÓVIS BORNAY. In: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: ICCA, c2002. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/Clóvis-bornay>. Acesso em: 3 jan. 2016.
- ⁴ CLÓVIS BORNAY. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. 18 mar. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%B3vis_Bornay. Acesso em: 3 jan. 2016.
- ⁵ PRIMEIRO DISTRITO DE NOVA FRIBURGO. Cartório do Registro Civil. Certidão de nascimento inteiro teor. Oficial Titular: Raquel Pereira Hall. Nova Friburgo, 4 mar. 2016. 2ª via. Grifo nosso.
- ⁶ IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BATISTA. Livro de assentamentos de batismos, nº 14, termo 1.022, Igreja Matriz de São João Batista (Nova Friburgo), 1913-1917. Grifo nosso.
- ⁷ DAPIEVE, Arthur. Op. cit., p. 270.
- ⁸ PRIMEIRO DISTRITO DE NOVA FRIBURGO. Cartório do Registro Civil. Certidão de casamento inteiro teor. Oficial Titular: Raquel Pereira Hall. Nova Friburgo, 4 mar. 2016. 2ª via.
- ⁹ DAPIEVE, Arthur. Op. cit., p. 270.
- ¹⁰ Ver: PERES, Elena Pajaro. “Espanhóis no Brasil: a experiência plural de uma imigração singular”. *Revista UFG*, ano 13, nº 10, Goiânia, jul. 2011, p. 176-178.
- ¹¹ EXAMES nas escolas públicas. *O Friburguense*, Nova Friburgo, 5 maio 1845, p. 3.
- ¹² O PAIZ. Rio de Janeiro, 28 nov. 1910, p. 1.
- ¹³ O FLUMINENSE. Niterói, 28. nov. 1910, p. 2.
- ¹⁴ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 18 mar, 1926.
- ¹⁵ DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 20 jan. 1959, p. 5.
- ¹⁶ ABREU, Gilberto de. “Pérolas, plumas e escândalos de Clovis Bornay”. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, [1999], p. 24.
- ¹⁷ DAPIEVE, Arthur. Op. cit., p. 274.
- ¹⁸ ABREU, Gilberto de. Op. cit., p. 24.
- ¹⁹ DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, 24 set. 1931, p. 1 (grifo do original).
- ²⁰ A NOITE. Rio de Janeiro, 8 out. 1931, p. 2.
- ²¹ ABREU, Gilberto de. Op. cit., p. 24.
- ²² COSTA, Haroldo. *100 Anos de Carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2000, p. 93-95.
- ²³ ABREU, Gilberto de. Op. cit., p. 24.
- ²⁴ Equívoco de Bornay, 1930 foi o ano da Revolução que levou Vargas ao poder.
- ²⁵ ABREU, Gilberto de. Op. cit., p. 24.
- ²⁶ A NOITE. Rio de Janeiro, 19 maio 1950, p. 17.
- ²⁷ DAPIEVE, Arthur. Op. cit., p. 273.
- ²⁸ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 31 maio e 1º jun. 1970, 1º Caderno, p. 7.
- ²⁹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 19-20 jul. 1970, Primeira Seção, p. 12.
- ³⁰ DIÁRIO DA NOITE. São Paulo, 23 set. 1970, 1º Caderno, p. 5.
- ³¹ RIBEIRO, Maria Laura. “Homenagem a Clóvis Bornay”. *Boletim da Associação Brasileira de Museologia*, Brasília, DF, ano 42, nº 1, mar. 2006, p. 5.